



“Às vezes eu me sinto uma puta da zona!” – A atividade da prostituição vista por garotos de programa

Victor Hugo de Souza Barreto

Apresentação

Embora todos na minha casa trabalhem, sempre falta dinheiro para pagar as contas no final do mês, não sei se ganhamos mal ou se o dinheiro é mal administrado mesmo. Embora nunca tivéssemos dinheiro para nada, meus pais deram para mim e meus irmãos uma boa educação, sempre estudamos nas melhores escolas públicas, eu já fiz muitos cursos, pois para os meus pais educação sempre esteve em primeiro lugar. Eles dizem que tenho que estudar para não terminar igual a eles, sem nenhum centavo no bolso. Não suporto a idéia de ficar sem dinheiro, muito embora eu não seria capaz de fazer nada ilícito para consegui-lo. Eu sempre sonhei em ter muito dinheiro, mas muito mesmo, e dar uma vida decente para meus pais e para mim mesmo. Há alguns anos atrás, para ser mais exato aos 16 anos, passou pela minha cabeça a idéia de ser garoto de programa. Além de transar todos os dias com várias pessoas diferentes, eu iria gozar gostoso, como eu era bobinho, e ganhar uma grana legal para me “divertir”, sim!!! Eu achava que fazer programa seria uma diversão.

(...) Quando surgiu a ideia de ser garoto de programa eu não fazia ideia de como começar, o pensamento que mais passava pela minha cabeça era “Como será que se vira garoto de programa”. Hoje acho isso engraçado. Meu Deus como eu era inocente!

Por exemplo, a coisa mais fácil do mundo é trabalhar como



garota de programa, pois em toda esquina tem um “puteiro”, é só chegar, dizer que quer trabalhar por lá, transar e ganhar dinheiro. Mas com homens é diferente, como eu faria? Nunca ouvi falar em puteiro masculino.

(...) Conheci alguns garotos de programa de verdade nesses chats nunca pessoalmente só por MSN, mas, eram pessoas bem legais e me deram dicas boas de como começar. O mais legal desses que conheci era o Alex que tinha 22 anos, moreno, corpo malhado, e com poucos pelos. Ele trabalhava como office-boy e fazia programa para conseguir uma graninha extra, vender sexo para ele era uma espécie de “bico”. Depois de alguns dias de conversa eu e o André ficamos mais íntimos, (...) e falei para ele que eu não sabia como começar. Ele me disse para eu ir trabalhar em saunas gay, e me explicou como as saunas funcionam. (Eric, 19 anos)

Em minha dissertação para o mestrado venho desenvolvendo pesquisa etnográfica junto a garotos de programa no Rio de Janeiro. No momento ela está se concentrando em três saunas, onde ocorre esse mercado do sexo. Duas delas estão localizadas perto da região central e uma em um bairro de classe média alta.

Meu interesse inicial era levantar alguns elementos sobre a participação da sexualidade na construção da subjetividade. Tal qual Foucault assinalara muito bem em sua *História da sexualidade* (2009a), as condutas sexuais são um aspecto quase central na definição e identificação de sujeitos. Estes acabam reduzidos aos aspectos mais íntimos de sua existência. Há mesmo uma vontade incontornável de saber sobre elas tendo por base suas condutas sexuais. Tomando como exemplo a prostituição masculina, tema de minha pesquisa para a dissertação de mestrado, ressalta-se que o conjunto de práticas, representações e atitudes em torno dessa prática erótica traduzem uma dimensão interna dos sujeitos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O recorte pela pesquisa centrada na prostituição exercida em algumas saunas no Rio de Janeiro deu-se, principalmente, por dois motivos: o primeiro, pela facilidade de se encontrar meus interlocutores em um espaço fechado, ao invés da inconstância das ruas e da virtualidade da Internet; o segundo motivo, pelo fato das saunas serem um espaço primordialmente de sociabilidade, onde conversas e bate-papos são bem vindos. Como me explicou um dos gerentes de uma das saunas:

É claro que muitas pessoas vêm aqui atrás do sexo, mas posso te garantir que 60% vêm pela socialização. Aqui é um lugar onde eles [clientes] podem relaxar, beber, conversar, e até fazer alguma sacanagem, mas esse não é o motivo principal. Aqui é como se fosse um clube mesmo. E, além disso, aqui não existe esposa, filhos, trabalho, igreja,... Eles podem fazer o que quiser.

As saunas, portanto, acabaram por se tornar o espaço privilegiado dessa pesquisa. De fato, um campo perpassado por diversas dificuldades de aproximação e que, aqui, recorre-se principalmente a observações livres e flutuantes na realização de itinerários desse mercado do sexo, colhendo impressões, descrições, situações e cenas da maneira mais minuciosa possível. Pétonnet (2008) em seu artigo procura através da idéia de *observação flutuante*, demonstrar que é possível fazer boa etnografia sem se ater a informantes privilegiados, ao mesmo tempo em que se atenta para a riqueza de informações passíveis de serem obtidas por meio de conversas informais não direcionadas e um olhar mais acurado para as práticas das pessoas.

A observação livre desses ambientes, aos poucos, me ajuda a reconhecer os mesmos, a partir de um conhecimento mais ou menos tácito dos códigos e dos mecanismos de funcionamento da prostituição masculina. Às vezes, um breve correr de olhar sobre a movimentação das pessoas em um banheiro público ou mesmo caminhando pela rua - o olhar flutuante de que nos fala Pétonnet - pode revelar realidades sociológicas inimagináveis para outrem. E não se trata apenas do olhar treinado do antropólogo, mas de qualquer um que saia em busca daquilo que mais lhe apraz.



Ao mesmo tempo, recorro a entrevistas itinerantes dentre esses percursos. Tentando contatos verbais com boys, clientes e os “entendidos”. Sendo que estes últimos não oferecem grande número de dificuldades, a não ser a alegação de ignorância a respeito do negócio da prostituição. A interação é facilitada pelo fato de muitos fazerem parte de minha rede de amigos próximos. Outra modalidade, recém iniciada é a das entrevistas em profundidade, quando consigo prolongar o contato com os garotos e não apenas em um contexto de “pagar para falar”.

O texto que se segue está dividido em duas partes principais, na primeira busco compreender a questão do trabalho do garoto de programa, enquanto “profissão”, através de algumas características específicas que surgiram durante o trabalho de campo. Na segunda parte, detenho-me em alguns aspectos do cotidiano da prostituição masculina percebendo quais são os sentidos que adquirem para quem a pratica e sobre como os atores interpretam as experiências nela vividas, principalmente em comparação com a prostituição exercida pelas mulheres.

A “profissão” garoto de programa

Troca de desejos sexuais por dinheiro, negociação do corpo e dos desejos e venda de fantasias sexuais. Estas são algumas das definições atribuídas à prostituição colhidas entre os próprios garotos de programa, entre os clientes usuários desse mercado e os funcionários dos estabelecimentos onde se podem encontrar essa prática. Perlongher (1987), em seu pioneiro estudo sobre a prostituição masculina, considera que a prostituição pode ser “pensada do ponto de vista da troca, enquanto estrutura de prestação de serviços sexuais” (p. 253). Dessa forma o que se estabelece na relação entre cliente e garoto de programa seria uma espécie de contrato acertado previamente a realização do programa:

Entre o prostituto e o seu cliente estabelece-se um contrato que rege as condições da transação: serviços sexuais a serem prestados, incluindo a especificação das zonas erógenas em jogo (por exemplo, evitação da boca ou do ânus); local de consumação (hotel, apartamento, rua); condições monetárias e extramonetárias da transação.(p. 98)



Nas saunas, essas aproximações e acordos por mim presenciados, e às vezes até sendo alvo delas, mostram que toda essa negociação também faz parte do “jogo de sedução”. Tudo é dito entre beijos, carícias, toques e apalpamentos. Enquanto o garoto de programa tenta excitar o cliente, o seduzindo, ele diz ao pé do ouvido: “você não quer namorar um pouquinho não? Vão ser quarenta minutos no paraíso, você vai ver. Vamos pegar a chave da suíte pra gente namorar.” E, nesse momento, pode discorrer sobre as suas habilidades na cama.

A prostituição dita masculina, e a que interessa no âmbito dessa pesquisa, se caracteriza pelo fato de que o corpo que se prostitui é o do homem. Importante destacar isso, pelo fato de se desfazer uma comum associação entre a venda de favores corporais e feminilidade, e perceber a inserção do homem como objeto no mundo da prostituição. A prostituição feminina parece ser mais “bem aceita pela sociedade”, “é mais comum”. A própria escassez e dificuldade de encontrar trabalhos sobre o tema da prostituição masculina demonstram isso¹. Acredito que isso se deva a um universo de significados atribuídos ao que é ser homem e aos valores atribuídos a masculinidade. Diferente de certa “visão funcionalista” da prostituição exercida por mulheres classificada por Gaspar (1985, p. 67) como “mal necessário”. Essa teoria explica a prostituição feminina como um expediente para satisfazer e conter a libido excessiva dos homens, mantendo assim a ordem social.

A prostituição exercida por homens se constitui de um universo com códigos próprios, regras e dinâmicas particulares que para serem reconhecidos e decifrados requerem que nos situemos dentro desse espaço. O garoto de programa ou o *boy* são compreendidos aqui como “jovens” do sexo masculino, independente de serem adolescentes ou adultos, que comercializam através da imagem, os atributos de uma identidade reconhecida socialmente como masculina, que se torna visível no próprio corpo delineado, viril e, na maioria das vezes, musculoso. Independente da identidade ou desejo que esses jovens possam ter, o que se negocia nessa relação é o desejo e a virilidade objetificadas no corpo do boy ou em determinadas partes dele.

¹ Em um panorama das pesquisas brasileiras em Ciências Sociais relativas a sexualidades e direitos sexuais no período de 1990 a 2002 (Citelli, 2005), aponta-se uma ausência relativa de estudos sobre a questão da masculinidade e da prostituição exercida por homens.



* * *

Boy é o termo usado pelos próprios garotos de programa para se auto-designarem. Eles não gostam e nem utilizam o termo “michê” por achá-lo depreciativo e também não utilizam a expressão “profissionais do sexo”, uma vez que não se reconhecem como profissionais e classificam suas relações sexuais remuneradas como atividade provisória. Dessa forma, a profissionalização implicaria uma maior entrega e dedicação à atividade e aos clientes, prática essa que é sempre relatada como transitória, temporária e longe da seriedade de um emprego formal. Nesse aspecto, sobretudo, pode-se perceber uma grande preocupação, por parte dos boys, em suas concepções simbólicas o fato de que assumir a identidade de “profissional do sexo” os colocaria mais próximos de uma identidade homossexual, de uma super-exposição e conseqüentemente contaminação da imagem, ou até mesmo de algo ligado à sujeira ou impureza social. Tratarei disso mais na segunda parte.

Perlongher (1987) destaca que a prostituição apresenta possibilidades distintas para a autodenominação e de nomenclaturas específicas desse universo, que variam de acordo não só com as práticas sexuais exercidas pelos garotos, mas também por outros critérios como idade, postura, cidade de origem e etc. Porém, acrescenta que nesse universo, as categorizações são fluidas e contextuais, podendo mesmo se sobrepor. Em campo, pude encontrar categorias como, “boy-bicha”, “boy-macho”, “boy-novato”, “boy-viajante”, “boy-passageiro”, “boy-residente”, dentre muitas outras.

* * *

A prostituição masculina prolifera na cidade sob formas legais ou semi-legais como casas de massagem, bordéis, saunas, serviços a domicílio, etc., substituindo a rua como local único de recrutamento. Cada um desses espaços vai exigir formas diferenciadas de aproximação, tanto da parte do pesquisador quanto dos interessados na transação desse mercado.

As saunas, aqui relatadas, são estabelecimentos que não estão exatamente organizados para o exercício da prostituição, uma vez que seu agenciamento se configura em crime, conforme regulamenta a legislação brasileira, mas são espaços que



servem de acolhida de tal prática entre as atividades ofertadas. Da mesma forma, encontram-se outros estabelecimentos além das saunas, como casas de massagem, boates, bares e cinemas dentre outros².

Há uma ambigüidade no negócio do sexo exercido em ambientes privados e naquele exercido em ambientes de domínio público. Entre os boys há uma preferência ao ambiente fechado das saunas, por exemplo. Nas saunas é menor tanto a exposição pública de se ver exercendo a atividade da prostituição quanto à exposição a situações violentas que podem ocorrer nas ruas. É interessante perceber que os boys que atuam exclusivamente em saunas se consideram “menos prostitutas” do que os que atuam nas ruas³. Dentro dessa lógica, verifica-se o valor moral associado ao exercício da prostituição entre os próprios boys. A delimitação dos espaços privados parece proporcionar aos boys das saunas a possibilidade de se sentirem moralmente melhores.

Essa lógica que atribui certo status à prostituição em espaços fechados em comparação com a realizada em domínio público é destacada tanto por boys quanto por clientes. O que parece conduzir a tal opinião consiste no fato de que nesses estabelecimentos existe, senão a eliminação, pelo menos a minimização dos riscos associados ao exercício da prostituição, como violência, atuação policial, contágio por doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros. O fator segurança e proteção referem-se também à presença de seguranças (em sua maioria policiais civis), que podem agir no sentido de repreender comportamentos agressivos ou desordens, muitas vezes motivados pelo uso excessivo de bebidas alcoólicas, drogas ou ainda por motivos como a recusa de um cliente em pagar o programa realizado. Tal percepção de segurança inclusive justifica o valor diferenciado cobrado nos programas, geralmente maiores do que os recebidos nas ruas. Além de outros fatores limitadores que, de certa forma, “selecionam” os frequentadores desses ambientes como: o valor da entrada na sauna, o preço do quarto onde acontecem os programas, e as bebidas e alimentos consumidos ali dentro.

² Em duas das saunas pesquisadas pode-se perceber na recepção um cartaz com o trecho do decreto-lei que proíbe o agenciamento da prostituição.

³ Fato também comentado por Viana (2010), em seu estudo com boys em Recife.



Outro fator que se destaca nesse quesito proteção é a discrição do ambiente. A aparência externa das saunas, de extrema discrição e que, aparentemente, não estabelece relação com os demais estabelecimentos ao seu redor⁴, sequer deixam transparecer a natureza das atividades realizadas dentro desses locais. A separação “aqui dentro” e “lá fora” e o que isso permite está presente, até mesmo, no discurso de sedução do boy com o cliente, como me explicou o gerente de uma das saunas, “aqui não existe esposa, filhos, trabalho, igreja...”. No espaço das saunas, boys e clientes, teriam a oportunidade de representarem o papel que desejassem e também de vender e comprar a fantasia sexual que quisessem, muito distante da “realidade” de suas vidas cotidianas na rua.

* * *

Nas saunas tanto os clientes podem “chegar” nos boys quanto os boys podem “chegar” nos clientes, mas é mais comum que o último aconteça, até mesmo porque a quantidade de boys presentes na sauna é maior do que a de clientes, fazendo com que às vezes, se estabeleça uma “disputa” para a sedução de determinado cliente. A forma de se “chegar” é variada, alguns até desconsideram o período de flerte que compõe a maioria das estratégias de aproximação e “saem agarrando logo o cliente”.

Os boys dividem-se principalmente em fixos, conhecidos como os da “casa” e “antigos”; e os eventuais, conhecidos como “viajantes” ou “passageiros”. Nenhum deles diz manter vínculo com o estabelecimento e por isso pagam uma entrada como um cliente comum (apenas um valor menor). Mesmo aqueles que têm a condição de “boy fixo” afirmam não ter uma relação trabalhista formal que o classifique como funcionário, uma vez que o agenciamento da prostituição é prática ilegal no país. Além disso, todos os boys com quem tive contato, não atribuíram ao exercício da prostituição a condição de profissão. Esta é sempre significada como atividade transitória, cujo objetivo maior seria o complemento da renda.

Não dá pra vir muito aqui não, porque eu sou agente da polícia federal né, e mesmo assim acho muito pouco o dinheiro que eu ganho pra sustentar mulher, filho e

⁴ Digo aparentemente, porque, de fato, pode-se perceber a presença de motéis e pontos de táxi estrategicamente próximos desses estabelecimentos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ajudar meus pais... Além disso, a gente vai se acostumando com um estilo de vida que é preciso manter né. Eu também pago um cursinho, porque eu quero tentar concurso... (Pedro, 32 anos)

De fato, parece que esse lugar de trabalhador, de funcionário, mesmo que de maneira informal, talvez mais próxima da lógica do prestador de serviços, é ocupada pelos boys nos espaços de mercado do sexo efetuado nas saunas. Mesmo assim, mesmo com uma rotina orientada por uma dinâmica bastante peculiar, observando o exercício desse negócio no dia-a-dia das saunas, é possível perceber que ela não está imune às rotinas que caracterizam a condição trabalhista, como observou Viana (2010). Nesse sentido, alguns fatores se destacam, tais como: horários estabelecidos para início e final de atividades; locais específicos para guardar seus pertences e objetos pessoais, separado dos clientes; alguma espécie de uniforme, caracterizado pelas toalhas (às vezes de diferentes cores); e, sobretudo, a existência de um padrão de normas e regras internas que definem as políticas dos proprietários desses estabelecimentos e devem ser respeitadas e seguidas pelos boys.

O “ser” garoto de programa

22 de fevereiro de 2011, terça – feira, em torno de 18 horas. A sauna está bem cheia. Às terças, as suítes não são cobradas, o que faz com o que o movimento de boys e clientes seja mais intenso. Em determinados momentos a procura por suítes é tão grande que se faz uma fila na escada que leva para o segundo andar (onde elas estão localizadas) e também começa a correr uma lista de reserva na recepção.

Aproveito esses dias de maior movimento para ficar revezando a minha presença em dois pontos específicos da sauna. Na recepção e perto dos armários exclusivos dos boys. São como



pontos de “interseção”, onde se tem oportunidade de assistir aos “bastidores” desse mercado. Na recepção pode-se perceber o papel maior exercido pelo gerente e funcionários; e perto dos armários dos boys, onde estes guardam suas roupas, pertences e o dinheiro dos programas, eles se mostram mais “livres”, não parecem estar atuando muito, e se soltam em conversas, comentários e brincadeiras entre si.

Estava conversando com um boy sentado em um banco próximo aos armários, quando outro boy se aproximou, claramente irritado, e sentou em frente à nós dois. Sem precisar que lhe perguntasse o motivo da irritação, foi logo desabafando. O caso foi que ele estava “chegando” em um cliente durante um bom tempo, tentando um programa e quando foram estabelecer um preço, o cliente ofereceu 50 reais pelo programa. Ao ouvir a quantia os boys que estavam ao redor riram, aparentemente compartilhando o absurdo da situação, “50 reais! Acredita? Falei que 50 reais não paga nem um mês da minha academia, aliás, 50 reais é quase o que eu gasto pra vir e voltar daqui!” Virou pra mim e disse: “Cara, quando um cliente me faz uma proposta dessa eu me sinto um puto de rua! Pra você ver, nem uma puta faz o que a gente faz aqui não. Você vai nesses puteiros aí, acha que elas ficam fazendo carinho, dando beijo, deixando pegar... nada! Aqui a gente tem que fazer tudo isso e muito mais pra conseguir fazer o programa! E, às vezes, o cara se aproveita de você, fica pegando bastante, vai no banheiro, toca uma punheta e vai embora! Tem dias aqui, que eu me sinto uma puta da zona!”

(trecho diário de campo)

A explicação dada pelo boy para tal situação é, justamente, a falta de vínculo formal com a sauna. Ali, os boys podem cobrar o preço do programa que desejarem. Porém, ocorre algo como um acordo tácito entre eles do preço variar em torno de 80



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

reais. Para mais ou para menos, dependendo do poder aquisitivo do cliente ou do que ele desejar realizar durante o programa. Mesmo assim, 50 reais parecia um preço absurdo a ser cogitado. “Isso acontece, porque tem boys aqui que vão por esse valor! Por isso que não seria tão ruim se tivesse uma tabela [de preços].” Aqui, pode-se verificar uma questão ética que envolve boys e clientes, um código que regula não só a relação boy-cliente, como também a relação do boy entre seus pares.

Contudo, o que desejo destacar aqui, na descrição desse caso, é a comparação feita pelo boy da sua condição com outra modalidade de mercado sexual, que é a prostituição exercida pelas mulheres. Em sua fala, aparece a percepção, que também é compartilhada pelos outros boys, que de certa forma, o exercício da prostituição exercida por eles, envolvem ações que são tidas como mais degradantes ou mais sujas do que aquelas exercidas pelas mulheres na mesma condição (ou pelo menos por uma modalidade desse mercado⁵).

Pra mulher é tudo mais fácil! Elas recebem mais, tem mais clientes, mais homens pra dar mais dinheiro, mais quantidade de programas... você acha que a gente consegue fazer tantos assim? Elas também são mais sustentadas... Até pra dar é mais fácil pra elas! (Risos) (Paulo, 30 anos)

Interessante apontar aqui que existe um procedimento generalizado na prostituição, apontado por Gaspar (1985): as pessoas que fazem programa estabelecem limites e barreiras simbólicas em relação a cada programa e aos clientes em geral. A autora aponta que na prostituição feminina, as garotas têm sempre a preocupação de preservar alguma parte do corpo. É constante a preocupação no sentido de colocar a boca em contato com o corpo do cliente, o que expressa uma divisão simbólica do

⁵ Tanto a prostituição feminina quanto masculina, como fica implícito no discurso dos boys, difere em algumas modalidades. A prostituição de rua é diferente em termos de organização com aquela exercida em lugares fechados, como já explicitado. Ao mesmo tempo existem modalidades mais abrangentes que designam a “baixa prostituição” (como a de rua ou a de zona, por exemplo); a “média prostituição” (como a de boates e saunas) e a “alta prostituição” (como serviços de acompanhantes, scort, call girls,...). Todas apresentando entre si uma série de distinções.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

corpo. O corpo na prostituição, portanto, não é completamente “promíscuo”, há nele partes “sagradas” que devem necessariamente ser preservadas. Segundo uma das garotas de programa entrevistada por Gaspar, “ninguém gosta de beijar na boca. Tem todo um clima de nojo. Se ele tiver a fim de te beijar, você dá um beijinho, disfarça, vira a cara..., chupar pau é o que eles adoram. Eu prefiro mil vezes dar. Deu, lavou, tá novo. Boca não, dá nojo” (op. cit, p. 114).

Uma prostituta, portanto, pode fazer “tudo”, inclusive uma série de práticas condenáveis até mesmo para muitas prostitutas desse meio, mas ela sempre criará um limite simbólico que demarque relações e envolvimentos emocionais. Exemplos como o do beijo na boca, a minuciosa higiene, ou então a da garota de programa que não dorme com o cliente independente do pagamento, pois dormir, só na sua cama própria e com a pessoa amada.

Dessa forma:

O investimento simbólico e prático na “limpeza” não se reduz simplesmente a tentar evitar a doença, ele propõe-se antes a separar, distinguir relações, colocar fronteiras numa atividade, hierarquizando modalidades de prostituição, ordenando enfim um universo que é percebido pela sociedade abrangente como promíscuo e caótico. (Gaspar, 1985, 118).

Da mesma forma, entre os boys percebe-se um movimento nesse sentido, principalmente de defesa ante a imputação de homossexualidade.

[...] Eu digo meu preço: entre R\$30 e 40 reais. Rola tudo, menos ser penetrado. Posso beijar o corpo todo, chupar os peitos, dar umas mordidinhas na bunda. Chupar [pau], eu não chupo!... Isso aí pode acontecer, mas se rolar... rolar um dinheiro a mais, está entendendo? [...] o boy não chupa, só se rolar um dinheiro a mais. [...] Esse dinheiro a mais é de R\$20,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

R\$15 reais. Também a gente vai por certos tipos de pessoa, se a gente conhece aquele tipo de pessoa que tem dinheiro e aquele certo tipo de pessoa que não tem, está entendendo? Pra também não querer explorar. (Pedro, 27 anos) (Viana, 2010, 74)

A fala acima sugere que existe toda uma cartografia de partes e de práticas feminilizantes para os boys, onde elas não necessariamente são negadas, porém acabam sendo neutralizadas pelo “dinheiro a mais”, que justificaria e legitimaria seu deslocamento de posição erótica na negociação do sexo.

Trabalhos como o de Souza Neto (2009) e Viana (2010) afirmam que o dilema envolvido nas relações de poder no exercício da prostituição masculina encontra-se centrado no ânus e não no pênis. No caso, a posição de passivo na relação sexual entre homens, ou quaisquer práticas que envolvam a penetração anal. Kulick em seu estudo sobre os travestis de Salvador e sua análise do sistema de sexo e gênero no Brasil (2008) diz que embora as diferenças anatômicas sejam certamente levadas em conta, a genitália parece estar fundamentalmente inter-relacionada com sua função, ou melhor, com sua capacidade de ser utilizada desta ou daquela maneira. Na configuração brasileira de sexo e gênero, o critério determinante para identificar homens e mulheres não é tanto a genitália em si, mas o papel que a genitália desempenha no intercuro sexual. Aqui, o lócus da diferença de gênero é o ato da penetração. Se a pessoa “só” penetra, é homem. Se a pessoa é penetrada, é diferente de homem, e aí pode ser um “viado” ou uma mulher.

Assim, a diferença relevante em um sistema desse tipo não é entre “homens” e “mulheres”; a diferença relevante é entre “comer” (penetrar) e “dar” (ser penetrado); é entre quem come e quem dá, “em um sistema em que o ato de ser penetrado tem poder transformativo” (op. cit., 238). Desta forma, durante a interação dos programas, os boys, em sua maioria, não gostam de fazer sexo oral no cliente e, principalmente, garantem que não desempenham o papel de passivo, ou se o fazem, cobram bem mais caro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em uma ocasião no campo, um boy negro, de forte musculatura se aproximou de mim depois de me olhar bastante, se sentou ao meu lado em um sofá e me perguntou próximo ao ouvido: “Você já deu para um negão? Quer experimentar não? Prometo que não vai se arrepender, vai até ficar viciado!” Resolvi testar a questão da atividade/passividade nesse contexto, perguntando pra ele: “E seu eu quiser comer um negão? Como eu faço?” Ele me olhou surpreso: “*Você quer comer um negão?!*” Após uma pausa, continuou em um tom mais baixo, como se contasse um segredo: “Tudo bem, eu faço pra você, mas aí vai sair um pouco mais caro. Mas, olha, eu não gosto que as pessoas fiquem sabendo que eu faço também não...”

Portanto, nessa situação onde foi solicitado ao boy uma inversão de papéis ou posicionamentos sexuais no intercuro sexual com o cliente, o aumento do valor monetário aparece como mediador e recurso de autorização da prática “proibida”.

Considerações finais

A prostituição exercida por homens se apresenta como um contexto diverso e muito rico em possibilidades analíticas. Neste artigo, busquei fazer algumas aproximações iniciais, puxando determinadas linhas desse emaranhado, porém muito longe de dar conta da diversidade de experiências tanto encontradas entre os sujeitos observados, quanto as próprias vivenciadas e observadas pelo pesquisador.

Inicialmente, procurei delinear que esse mercado do sexo não possui um caráter tão informal e clandestino como se comumente acredita. Ocorre articulado a todo um aparato logístico que possibilita o acesso tanto de boys quanto de clientes, a uma espécie de rede (na verdade de várias redes) que viabilizam a realização de programas. Principalmente nas saunas, esses contornos se apresentam mais definidos, em contraposição à sinuosidade identificada na prostituição de rua.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Busquei entender as representações sobre a atividade da prostituição masculina, percebendo quais são os sentidos que adquirem para quem a pratica. Há, por exemplo, um movimento no sentido de uma profissionalização ou de uma carreira nesse mercado? E como os atores interpretam as experiências nela vividas, principalmente em comparação com a prostituição exercida pelas mulheres. Essas questões permitem perceber os processos de construção de subjetividade desses atores (garotos de programa) e do universo simbólico que lhe dá forma e conteúdo em contextos de sedução e inserção em redes referentes ao mercado do sexo.

Bibliografia

CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro, CEPESC, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Rio de Janeiro, Graal, 2009^a

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: *Antropolítica*, nº25, 2. Sem.2008

SOUZA NETO, Epitacio Nunes. *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife*. Dissertação de Mestrado/Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE, 2009



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VIANA, Normando José Queiroz. *“É tudo psicológico! Dinheiro... pruuu! Fica logo duro!”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife*. Dissertação de Mestrado/Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE, 2010.